

PATTI SMITH

Linha M

Tradução
Claudio Carina



Copyright © 2015 by Patti Smith

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

M Train

Capa

Fabio Uehara

Foto de capa

© Claire Alexandra Hatfield

Preparação

Fabricio Waltrick

Revisão

Jane Pessoa

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Smith, Patti

Linha M / Patti Smith ; tradução Claudio Carina. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: M Train

Bibliografia

ISBN 978-85-359-2693-4

1. Cantoras – Estados Unidos – Biografia 2. Mulheres, músicos de rock – Estados Unidos – Biografia 3. Músicos de rock – Estados Unidos – Biografia 4. Smith, Patti, 1946- – I. Título.

16-00599

CDD-782.42166092

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Músicos de rock : Estados Unidos : Biografia
782.42166092

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Estações

- Café 'Ino, 13
Mudando de canal, 29
Biscoitos em forma de animais, 43
A pulga tira sangue, 58
Um figo podre, 64
O relógio sem ponteiros, 73
O poço, 78
A roda da fortuna, 92
Como perdi o pássaro de corda, 108
O nome dele era Sandy, 122
Vecchia Zimarra, 132
Mu (O nada), 134
Demônios aéreos da tempestade, 159
Um sonho de Alfred Wegener, 171
Estrada para Larache, 177
Terra recoberta, 188
Como Linden mata a coisa que ama, 193
O Vale dos Perdidos, 196
A hora do meio-dia, 201
- Créditos das imagens, 209*
Sobre a autora, 211

Café 'Ino

Quatro ventiladores girando no teto.

O Café 'Ino está vazio, a não ser pelo cozinheiro mexicano e por um garoto chamado Zak, que atende meu pedido habitual de torrada de pão integral, um pratinho de azeite e café preto. Me instalo no meu canto, ainda de casaco e gorro. São nove da manhã. Sou a primeira a chegar. Bedford Street enquanto a cidade acorda. Minha mesa, ladeada pela máquina de café e pela vitrine, me proporciona uma sensação de privacidade, onde me recolho na minha atmosfera particular.

Final de novembro. Faz frio no pequeno café. Mas então por que os ventiladores estão ligados? Se eu ficar olhando para eles por algum tempo, talvez minha cabeça também comece a girar.

Não é tão fácil escrever sobre nada.

Ouço o som da voz arrastada e autoritária do vaqueiro. Anoto a frase dele no meu guardanapo. Como pode o sujeito me desafiar num sonho e depois não falar mais nada? Sinto que preciso rebatê-lo, não só dar uma resposta rápida, mas agir de alguma forma. Olho para as minhas mãos. Tenho certeza de que poderia escrever infinitamente sobre nada. Se ao menos eu tivesse nada a dizer.

Depois de um tempo, Zak põe outra xícara de café na minha frente.

— Esta é a última vez que eu vou te atender — ele diz solenemente.

Ele faz o melhor café das redondezas, por isso fico triste ao ouvir aquilo.

— Por quê? Você vai para outro lugar?

— Vou abrir um café na praia, no calçadão de Rockaway Beach.

— Um café na praia! Olha só, um café na praia!

Estico as pernas e fico contemplando Zak cumprir suas tarefas matinais.

Ele nem faz ideia que eu já sonhei em ter um café. Acho que essa vontade surgiu com leituras sobre a importância dos cafés na vida dos beats, dos surrealistas e dos poetas simbolistas franceses. Não existiam cafés onde eu cresci, mas havia nos meus livros, e eles floresceram nos meus sonhos. Em 1965 eu vim de South Jersey a Nova York só para perambular por aqui, e nada me parecia mais romântico que sentar e escrever poesia num café do Greenwich Village. Finalmente tive coragem e entrei no Caffè Dante, na MacDougal Street. Sem dinheiro para pedir uma refeição, só tomei um café, mas ninguém pareceu ter se incomodado. As paredes eram revestidas de murais impressos com a cidade de Florença e cenas de *A divina comédia*. As mesmas cenas que perduraram até hoje, descoloridas por décadas de fumaça de cigarro.

Em 1973 me mudei para um quarto arejado e de paredes brancas com uma pequena cozinha na mesma rua, a dois quarteirões do Caffè Dante. À noite, eu podia sair pela janela da frente e ficar na escada de incêndio observando a movimentação do Kettle of Fish, um dos bares que Jack Kerouac frequentava. Havia uma pequena barraca na esquina da Bleeker Street, onde um jovem marroquino vendia pães frescos, anchovas em salmoura e ramos de hortelã fresca. Eu acordava cedo para comprar os produtos. Fervia água, despejava num bule cheio de hortelã e passava as tardes tomando chá, fumando lascas de haxixe e lendo as histórias de Mohammed Mrabet e Isabelle Eberhardt.

O Café 'Ino não existia naquela época. Eu sentava perto de uma vitrine baixa do Caffè Dante que dava para a esquina de uma viela, lendo *The Beach Café*, de Mrabet. Um jovem peixeiro chamado Driss conhece um tipo excêntrico, recluso e rabugento que tem uma espécie de café com uma só mesa e uma cadeira numa praia pedregosa perto de Tânger. A atmosfera morosa ao redor do café me deixou tão cativada que tudo que eu queria era estar lá. Assim como Driss, eu sonhava em abrir o meu próprio café. Pensava tanto naquilo que quase podia materializar meu sonho: o Café Nerval, um pequeno paraíso onde poetas e viajantes poderiam encontrar a simplicidade de um abrigo.

Imaginei tapetes persas surrados sobre assoalhos de madeira pranchada, duas mesas compridas de madeira com bancos, algumas mesas menores e até um forno para fazer pão. Toda manhã eu limpava as mesas com chá aromático, como eles fazem em Chinatown. Sem música e sem cardápios. Só silêncio café preto azeite hortelã fresca pão integral. Fotografias adornando as paredes: um melancólico retrato do homônimo do café e uma pequena imagem do desalentado poeta Paul Verlaine em seu sobretudo, debruçado sobre um copo de absinto.

Em 1978 ganhei algum dinheiro e consegui pagar o depósito, garantindo o aluguel de uma casa térrea na rua 10 Leste. O lugar tinha sido um salão de beleza, mas estava vazio, a não ser por três ventiladores de teto e algumas cadeiras dobráveis. Meu irmão, Todd, supervisionou a reforma, e, juntos, caímos as paredes e enceramos o assoalho de madeira. Duas grandes claraboias inundavam o espaço de luz. Passei vários dias debaixo delas em uma mesinha dobrável, tomando café da delicatessen e planejando meu próximo passo. Eu ia precisar de dinheiro para um novo toalete e uma máquina de café, e metros de musselina branca para as cortinas das janelas. Coisas práticas que geralmente se perdiam em música na minha imaginação.

No fim fui obrigada a desistir do meu café. Dois anos antes, eu tinha conhecido o músico Fred Sonic Smith em Detroit. Havia sido um encontro inesperado, que aos poucos foi alterando o rumo da minha vida. Meu desejo por ele permeava todas as coisas — meus poemas, minhas músicas, meu coração. Resistimos a uma existência paralela, indo e voltando, entre Nova York e Detroit, pequenos encontros que sempre terminavam em tristes separações. Eu estava planejando onde instalar uma pia e uma máquina de café quando Fred implorou para que eu fosse morar com ele em Detroit. Nada parecia mais importante do que ficar junto do meu amor, com quem estava destinada a me casar. Dizendo adeus a Nova York e às aspirações que ela trazia consigo, paguei tudo o que era mais precioso e deixei o resto para trás — abandonando na sequência meu depósito e meu café. Não me importei. As horas solitárias tomando café na mesinha dobrável, inundadas pelo esplendor do meu sonho de ter um café, eram suficientes para mim.

Alguns meses antes do nosso primeiro aniversário de casamento, Fred disse que me levaria a qualquer lugar do mundo se eu prometesse ter um filho com ele. Sem hesitar, escolhi Saint-Laurent-du-Maroni, uma cidade fronteiri-



ça no noroeste da Guiana Francesa, na costa do Atlântico Norte da América do Sul. Havia muito que eu desejava ver o que restava da colônia penal francesa para onde eram mandados os criminosos mais barras-pesadas antes de serem transferidos para a Ilha do Diabo. Em *Diário de um ladrão*, Jean Genet fala de Saint-Laurent como um território sagrado, descrevendo os detentos ali encarcerados com uma empatia devocional. Em seu *Diário* ele se refere a uma hierarquia criminal inviolável, uma santidade masculina que desabrochava em todo seu potencial nas terríveis plagas da Guiana Francesa. Genet passou por todos os estágios para chegar lá: reformatório, pequenos furtos e três prisões; mas, quando foi condenado, a prisão que tanto reverenciava fora fechada, considerada desumana, e os últimos detentos vivos foram reenviados à França. Genet cumpriu sua pena na prisão de Fresnes, lamentando amargamente nunca ter alcançado a grandeza a que aspirava. Inconsolável, ele escreveu: *Fui aviltado na minha infâmia*.

Genet foi preso tarde demais para participar da irmandade que imortalizou em sua obra. Ficou do lado de fora das muralhas da prisão como o garoto manco de Hamelin, a quem foi negada a entrada em um paraíso de crianças por ter chegado muito atrasado para passar pelos portões.



Aos setenta anos, sua saúde frágil provavelmente não teria permitido que chegasse até lá. Eu havia pensado em levar um pouco de terra e pedras do lugar para ele. Embora costumasse se divertir com minhas ideias quixotescas, Fred levou a sério a missão que me impus. Concordou sem discutir. Escrevi para William Burroughs, que conheci com pouco mais de vinte anos. Próximo a Genet e dono de uma sensibilidade romântica peculiar, William prometeu me ajudar na entrega das pedras no devido tempo.

Em preparação para nossa viagem, eu e Fred passamos nossos dias na Biblioteca Pública de Detroit, estudando a história do Suriname e da Guiana Francesa. Não víamos a hora de explorar um lugar que nenhum de nós conhecia, e mapeamos as primeiras páginas da nossa jornada: a única rota disponível era um voo comercial até Miami, depois uma linha aérea regional que passaria por Barbados, Granada e Haiti, antes de finalmente pousar no Suriname. Teríamos de encontrar um jeito de ir até uma cidade ribeirinha perto da capital, e lá alugar um barco para atravessar o rio Maroni rumo à Guiana Francesa. Ficávamos planejando nosso caminho até tarde da noite. Fred comprou mapas, roupas cáqui, traveler's checks e uma bússola; cortou os cabelos longos e escorridos; e comprou um dicionário de francês. Quando abraçava uma ideia,

Fred analisava a coisa por todos os ângulos. No entanto, ele nunca havia lido Genet. Deixou isso por minha conta.

Eu e Fred partimos de Miami num domingo e passamos duas noites em um hotel de beira de estrada chamado Mr. Tony's. A televisão em preto e branco parafusada no teto baixo funcionava com moedas. Comemos feijão-vermelho e arroz-amarelão em Little Havana e visitamos o Crocodile World. A curta estadia nos preparou para o calor extremo que estávamos prestes a encarar. Nossa viagem foi um lento processo, pois todos os passageiros eram obrigados a desembarcar em Granada e no Haiti enquanto as bagagens eram revistadas em busca de contrabando. Finalmente aterrissamos no Suriname ao amanhecer; um grupo de jovens soldados com armas automáticas observava enquanto éramos levados a um ônibus que nos transportaria a um hotel vigiado. O primeiro aniversário de um golpe militar que havia deposto o governo democrático em 25 de fevereiro de 1980 se aproximava: uma data comemorada poucos dias antes do nosso próprio aniversário. Éramos os únicos americanos por ali, e eles nos garantiram que estávamos sob sua proteção.

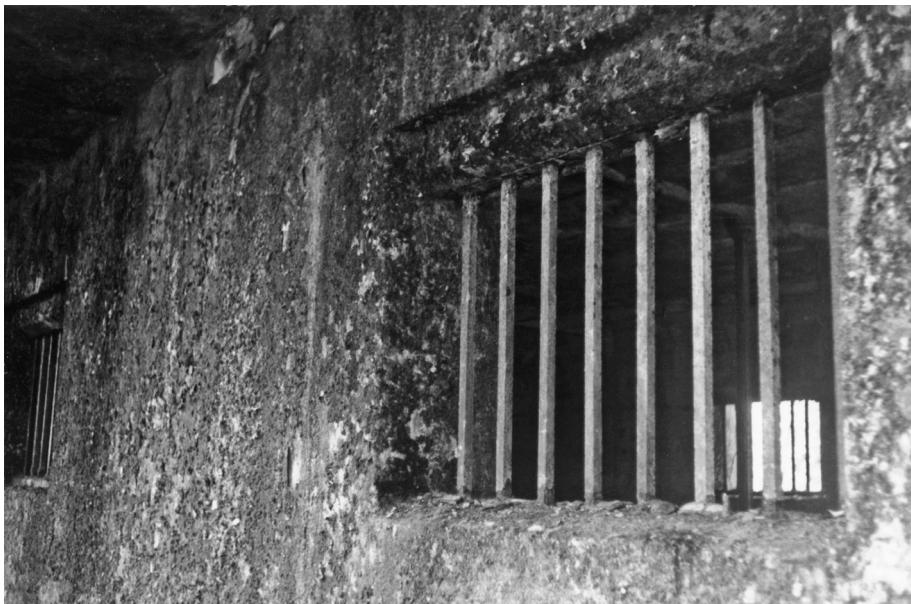
Depois de alguns dias vergados sob o calor de Paramaribo, um guia nos levou de carro por um trajeto de 150 quilômetros até a cidade de Albina, na margem oeste do rio que delimitava a fronteira com a Guiana Francesa. O céu cor-de-rosa coruscava com relâmpagos. Nossa guia encontrou um garoto que concordou em nos levar pelo rio Maroni de piroga, uma canoa comprida e escavada. Embalada com cuidado, nossa bagagem foi bem fácil de carregar. Partimos debaixo de uma chuva leve que logo se transformou num aguaceiro torrencial. O garoto me deu um guarda-chuva e nos alertou sobre não arrastarmos os dedos na água ao redor da canoa. De repente notei que o rio vicejava de peixinhos pretos. Piranhas! O garoto riu quando recolhi rapidamente a mão.

Em mais ou menos uma hora o garoto nos deixou à beira de um aterro lodoso. Arrastou a piroga para a terra e foi se juntar a uns trabalhadores que se abrigavam debaixo de um encerado preto estendido sobre quatro estacas de madeira. Eles pareceram se divertir com nossa confusão momentânea e nos apontaram a direção da estrada principal. Enquanto batalhávamos para subir um montículo escorregadio, o ritmo de calipso de "Soca Dance" com Mighty Swallow ressoando num potente aparelho portátil era quase abafado

pela chuva insistente. Totalmente encharcados, entramos na cidade deserta, nos abrigando afinal no que parecia ser o único bar da região. O barman me serviu um café e para o Fred, uma cerveja. Dois homens bebiam calvados. A tarde foi passando enquanto eu consumia várias xícaras de café e Fred conversava numa mistura macarrônica de inglês e francês com um sujeito de pele curtida que administrava uma reserva de tartarugas perto dali. Quando a chuva diminuiu, o dono do hotel local apareceu para oferecer seus serviços. Logo depois, surgiu uma versão mais jovem e mais mal-humorada dele para pegar nossas malas e nós seguimos por uma ladeira enlameada até o nosso novo alojamento. Nem tínhamos reservado um hotel, mas ainda assim havia um quarto nos esperando.

O Hôtel Galibi era espartano, mas confortável. Em cima da penteadeira haviam deixado uma garrafinha de conhaque aguado e dois copos de plástico. Exaustos, dormimos, mesmo quando a chuva incessante voltou a martelar o telhado de latão corrugado. Ao acordarmos, encontramos xícaras de café à nossa espera. O sol da manhã estava forte. Deixei nossas roupas para secar no pátio. Havia um pequeno camaleão se disfarçando na cor cáqui da camisa de Fred. Esvaziei nossos bolsos numa mesinha. Um mapa





amassado, recibos molhados, frutas esfaceladas, as onipresentes palhetas da guitarra de Fred.

Por volta do meio-dia um carregador de cimento nos deu uma carona até os arredores das ruínas da prisão de Saint-Laurent. Algumas galinhas soltas ciscavam a terra e vimos uma bicicleta jogada, mas não parecia haver ninguém por perto. Nosso motorista entrou conosco por uma baixa arcada de pedra e desapareceu em seguida. A área tinha uma atmosfera trágica de uma cidade defunta que já fora próspera — que extraía as almas e mandava os invólucros para a Ilha do Diabo. Eu e Fred nos movimentávamos em um silêncio alquímico, preocupados em não perturbar os espíritos reinantes.

Entrei nas celas solitárias em busca das pedras certas, examinando os esmaecidos grafites tatuados nas paredes. Colhões peludos, pintos com asas, o órgão primordial dos anjos de Genet. Não é aqui, pensei, ainda não. Olhei ao redor à procura de Fred. Ele tinha se embrenhado pelo mato alto entre enormes palmeiras e localizado uma pequena sepultura. Vi-o de pé diante de uma lápide que dizia: *Filho, sua mãe está rezando por você*. Fred ficou lá um bom tempo olhando para o céu. Deixei-o ali sozinho e saí para explorar as construções periféricas, finalmente escolhendo o chão de terra de uma cela coletiva

para recolher as pedras. Era um lugar úmido, do tamanho de um pequeno hangar de aviões. Correntes pesadas e enferrujadas ancoravam-se nas paredes iluminadas por delgadas nesgas de luz. Mas ainda restava algum cheiro de vida: esterco, terra e um bando de besouros irrequietos.

Escavei alguns centímetros à procura de pedras que poderiam ter sido pisadas pelos pés calosos dos detentos ou pelas solas das botas pesadas dos guardas. Escolhi três pedras com todo o cuidado e as guardei numa grande caixa de fósforos Gitane, deixando intactos os pedaços de terra encrostados. Fred me ofereceu um lenço para limpar a terra das mãos e, depois de sacudi-lo, fez um saquinho para a caixa de fósforos. Pôs aquilo nas minhas mãos, o primeiro passo para colocar aquilo nas mãos de Genet.